

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração próprias: Residência parquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 1 de Janeiro de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 16

Novo Ano...

Com o presente número de «A Voz de Melgaço» entramos no ano de 1949.

Os anos de existência do nosso jornal são posteriores à última guerra, que se sentiu em Melgaço, como no resto do país, pelos reflexos que ela trouxe à economia da Nação e, portanto, tem continuado a servir a paz na nossa terra, mediante a verdade e a justiça para com todos.

E' claro que o passado do nosso jornal será julgado em Maio, — 3.º aniversário da sua criação — momento em que esperamos fazer uma grande reunião de estudo com todos os nossos colaboradores, correspondentes e amigos, ao mesmo tempo que se publica um número especial, se Deus quiser.

Nesta entrada no ano de 1949, temas de nos alegrar por haveremos aparecido em tempo de paz e ao serviço da paz.

E neste primeiro dia do novo ano queremos felicitar todos os que conosco, nesta bela terra ou longe dela, vivem para Melgaço e seu progresso, pensam na vida e no futuro sem esquecer o passado e a fonte donde vieram para a vida.

Neste novo ano, de pé firme, saudamos — são os nossos cumprimentos de Feliz Ano Novo — as autoridades concelhias, saudamos o clero dedicado que tanto acarinha este jornal, o professorado cumpridor do seu dever que nos acompanha na realização do nosso grande sonho — um jornal que informe e forme a vida concelhia.

Em especial queremos saudar os colaboradores sacrificados — todos o são — os correspondentes das nossas aldeias, às vezes abandonadas, e a quem a pena rude e franca neste jornal alimenta a esperança de que lá se há de chegar, e os assinantes — as seis centenas — que na nossa terra, pelo país fora e no estrangeiro, têm «A Voz de Melgaço» como uma carta de família que lhe manda saudações.

A todos, ao bom povo melgacense, os votos amigos de um feliz Ano Novo.

JÚLIO VAZ

Aos nossos assinantes

Vamos proceder, nos primeiros dias de Janeiro, à cobrança do ano de 1948.

Fazemo-lo, enviando os avisos aos nossos estimados assinantes, através de pessoas amigas, em cada freguesia, para evitarmos grandes despesas do correio.

Pedimos a todos:

- 1) que nos paguem, sem demora
- 2) que nos pagem 20\$00, os que pudarem

Os Reis Magos

Foi há vinte séculos... Num gruta humilde e abandonada completamente, nasceu o Menino Deus, nos arredores da cidade de Belém de Judá. Os grandes e poderosos Reis do Oriente, tendo lido nos antiquíssimos livros da Caldeia e Assíria que estava a baixar um Rei do Céu à Terra, deixaram seus palácios, impérios, famílias — enfim, tudo quanto possuíam — e puseram-se a caminho de

Belém, com grande número de criados e dromedários carregados de manimentos necessários para a viagem, na verdade, longa e rodeada dos maiores perigos.

No itinerário apareceram-lhes, de súbito, uma estrela refulgente, a pouca altura do chão, que iluminava o mundo inteiro, sobretudo, as suas frentes pálidas, frentes de soberanos plenipotenciários: era a estrela da sua fé, a estrela mensageira que os conduziria ao presépio.

Atravessaram extensos campos planos herdades, searas doiradas; galgaram desertos, montanhas, vales, algores; calcuurraram caminhos pedregosos, semi-inacessíveis, veredas, estradas reais, abertas, torricolando, nos desertos. Entremetentes, eis los na cidade de Jerusalém perante a suprema e respeitável pessoa de Herodes, perguntando lhe se esse grande nascimento que se contava teria sido, naverdade realizado. Herodes, porém turbado e fingindo se despercebido, interrogou os seus. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo disseram-lhe:

— Esse nascimento há-de ser realizado em Belém de Judá — segundo as profecias.

Herodes, então, em particular, diz aos Reis:

— Por enquanto não sei nada, mas vós ide, informai vos circunstanciadamente e ao voltar para vossas terras, vinde por aqui que eu também O quero ir adorar.

Os Magos partiram. Após insuportáveis sofrimentos chegaram estenuados da longa viagem à porta dum decrepito curral, onde estacionou a estrela guia. Entraram nesse antro onde a fazer companhia ao Menino estavam alguns anima'sinhos, S. José e Nossa Senhora. Saudam os Pais do Deus Menino e, sem vacilar, prosttram-se, reverentemente, por terra, adorando o Me-

(Continua na 3.ª pág.)

Cartas de longe...

PANASQUEIRA — 22
O leitor não conhece talvez, a Panasqueira e, talvez conheça, pois Melgaço tem dado a esta Empresa contribuição valiosa, em braço de trabalhador. No primeiro caso, portanto, como leigo na matéria, não sabe o que é esta vida de toupeiras, a vida do operário, dentro da mina. Tem, contudo, um

pouco de engenho e arte, para fazer uma ideia, ainda impreciza, pois não o julgo destituído de imaginação e raciocínio. Considere-se, pois em viagem de recreio e que um dos pontos a visitar, são estas minas.

Por sorte, ou por azar inconcebível, o único cicero-ne que vai acompanhá-lo, nestas modernas catacumbas, é o humilde rabiscador destas linhas, a quem desde já o desengano, não poderá exigir conhecimentos ilimitados de topografia e técnica, pois ou por receio ou falta de oportunidade, não pôs ainda os pés dez metros além da boca da mina. Faça-se, pois, romancista, ou poeta, espavite a imaginação e siga-me. Venha comigo, ver este novo inferno de Dante, sem chamas, evidentemente, mas onde não faltam as trevas, o aspecto lúgubre e o pesadelo daquele tecto, sempre a acompanhar nos e que recebemos, a todo o momento, desabe sobre nossas cabeças.

(Continua na 3.ª página)

PORTA DO CEU

E' exibida no próximo dia 6 no salão Pelicaro esta maravilhosa fita de cinema, maravilhosa pelo assunto e pela interpretação.

Um livro que interessa a todos

«O Caminho DO Apostolado»

Está à venda no «Diário do Minho» e nas livrarias este livro do nosso Director que interessa a todos os leitores, pois trata da Acção Católica, da Juventude e da Juventude do campo.

«O Caminho do Apostolado» dá nos luzes claras sobre o grandioso movimento da A. C. e dá-nos luzes para trabalharmos com a Juventude e ensina a Juventude a seguir o caminho da honra.

Livro precioso, oxalá tenha a expansão que merece, em virtude da sua flagrante actualidade.

NOTAS DO MEU CADERNO

O Dr. Herberto Cory, comunista, foi um dos grandes do seu partido na Inglaterra e era ateu convicto.

Não se limitava a estudos de gabinete este homem que há pouco faleceu e gosava justamente da fama de sábio. Era combativo e era um chefe!

Pois em 1933 Herberto Cory converte-se a religião Católica e escreveu um livro que foi um sucesso de livraria: — Emancipação dum Livre-Pensador.

E precisamente na luta que as almas sinceras procuram a Deus e O encontram.

Na Inglaterra

Foi num domingo, precisamente a quatro de Maio do ano corrente.

Na igreja de Santa Maria de Eaton Norris, em Inglaterra, houve uma lindíssima festa de crianças. E uma delas, em nome de todas, colocou aos pés da Virgem uma bellissima coroa de rosas naturais.

Contam no os jornais de Inglaterra, Católicos neutros e hostis: O facto é que as rosas ainda se encontram aos pés da imagem e conservam a sua delicada forma de rosas de chá, ainda viçosas e puras embora tomassem o tom de um belo quente e doirado.

A igreja tem sido muito visitada e o público tem o caso por milagre, pois nenhuma das pétalas caiu ainda.

Rosas de Santa Maria... As pombas de N. Senhora da Fátima...

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

PELA VILA E CONCELHO

Ao iniciar mos hoje esta nova secção saudamos, efusivamente, os nossos illustres Director, Redactor, colaboradores, assistentes, anunciantes, leitores e amigos, desejando lhes um Novo Ano muito venturoso.

Dos Santos ao Natal bem choveu ou bem nevar — Parece que isto se dizia já nos recuados tempos do Senhor D. Afonso Henriques. Para não desmentir este adágio, tem chovido e ventado por uma pá velha, como sol diz-se em português de família. A chuva beneficia nos vello trazer, outro tanto se não pode já dizer do vento que quebrou arvôres, descobriu casas etc. etc.

Agora já deixou de chover, mas o lato...

Enfim, corre um tempo propicio para as selgadeiras; isto é para aqueles que as possuem abarrotadas, não estando incluido neste número o autor destas linhas que, por fazer parte da Prosectoria dos Animais, não matou...

Na sua casa de residência, sita na Rua Direita desta vila, faleceu no dia 10 de Dezembro findo, a sra. Laura Trancoso, de 67 annos, esposa do sr. Manuel Miguel, marinheiro e aposentado da nossa Armada.

O seu funeral, que se realizou no dia immediato, foi largamente concorrido, tendo-se necessitado encorporado muitas pessoas das diversas categorias sociais, pois a extinta era geralmente estimada.

Pez à sua alma e os nossos sentimentos pêsames a toda a familia enlutada.

Causou repulsa e profunda indignação no nosso meio a bárbara aggressão occorrida no dia 11 do mês transacto, na vizinha freguesia de S. Paio, e da qual foi victima José Joaquim Meleiro.

Raste-nos a consolação de que o Tribunal punirá severamente o agressor, para exemplo de todos aqueles que são dados à prática de tão nefandos actos.

Na noite de 14 para 15 do mês findo, um grupo de «ratoneiros» autênticos barbares de Atila ou Genserico, invadiu este concelho.

Assim, na vila tentaram furar uma das portas da «Loja Nova», operação que não surtiu effeito por serem presenteados pela sra. D. Laurinha que deu o alarme.

Ao verem-se descobertos os meliantes arremeteram uma pedra aquella Senhora que, felizmente, a não atingiu.

Como ali não puderam fazer o seu «S. Miguel», voltaram a cansa do leme e foram em direcção à casa do sr. tenente Peres em Elrô onde furtaram vinhos engarrafados e aguardente, subindo de pois pelo V.1 ata C. breiros e aqui roubaram uma boa porção de carne e feriram o Sr. Manuel Alves.

Depois, foram vistas pézadas dos mesmos, caminho acima, até à Tapada da Casa da

Cabana onde se encontravam ainda restos de comida.

Também foi serlamente importunado pelos larâpios o nosso esilmado amigo sr. Indalécio Rodrigues, guarda das ferramentas nas Minas da Aguleira.

Também nos consta que, no mesmo stilo da Aguleira, foi pela mesma altura, roubada a sra. Grila de Pousafoles, cujos mellantes, mascarados, nem sequer respeitaram aquella pobre, partindo lhe alguns ovos que ella levava.

E' caso para perguntar: Andará por lá outra vez o famigerado Tomás das Quintas?

Passou no preférito dia 16 de Dezembro o quadragéssimo anniversário do falecimento do grande benemérito José Cândido Gomes de Abreu, fundador do Hospital da Misericórdia em Melgaço.

No mesmo dia foi inaugurada a nova carreira de caminhetas entre Monção e S. Gregorio com o seguinte horário:

Chegadas a Melgaço às 10,30 horas e partidas, no mesmo dia, às 15,30 horas.

Congratulamo nos com esta nova carreira que muito veio beneficiar esta região.

Pelo Sr. Dr. Delegado, João da Costa e Sá, foram mandadas celebrar no passado dia 21 do mês findo, na Igreja desta vila, duas missas em sufragio da alma de seu saudoso irmão, falecido há dias.

Foram celebrantes os Rev. os P.rs Carlos Vaz, zeloso arcepreste deste concelho, e José Marques.

Ao sr. dr. Costa e Sá, apre-sentamos «A Voz de Melgaço» o seu cartão de sentidos pêsames.

Consta nos que se encontram detidos na fronteira de Vilar Formoso 9 rapazes, vindos de França para esta terra.

Também nos consta que vai ser transferido deste concelho, a seu pedido, o sr. C. bo Almeida, muito digno Comandante do Posto da G.N.R.

Que o substituto seja tão criterioso e energico como é aquele Senhor, são os sinceros votos de «A Voz de Melgaço».

Fala-se com muita insistência nova estrada que ligará Fiães com a sede do concelho com passagem pelas minas da Aguleira.

Que estes rumores se tornem em realidade, num futuro muito próximo, são os nossos calorosos votos.

Ao longo da estrada Melgaço Monção, vem-se muitos estelos de pedra para montar novas ramadas, o que muito valorisara a nossa terra que é a que mais prima neste promenor.

Teve lugar na preterita quarta feira, dia 22, o mercado que semanalmente se realza nesta vila aos sabados o qual foi, assim, autorizado para não coincidir com o dia de Natal. E teve concorridissimo, tan

to de vendedores como de compradores.

Os preços dos principais géneros expostos eram os seguintes:

Milho, alqueire (30 litros) 65\$00; Centeio, idem, 80\$00; Feijão branco, 1/2 quarto (5 litro) 15\$00; Feijão, mistura, idem, 1\$00; Feijão, frade, idem, 11\$00; Galinhas, 25\$00; Frangos, 15\$00; Ovos, dúzia, 16\$00; Batata (quilo) 1\$60; Mel (litro) 36\$00; Sardinhas (duzia) 4\$00.

Em suma, tudo preços relativamente baixos para quem vende e excessivamente elevados para quem compra.

Nos próximos dias 15 e 18 do corrente realizam-se as duas primeiras festividades do ano no nosso concelho; respectivamente a do glorioso abade Santo Amaro no lugar do mesmo nome da ridente freguesia de Prado e a dos S.S. Mártires de Marrocos no vetusto convento de Padernel.

Que o tempo corra favoravel para o brilho e bom êxito destas festividades são os nossos calorosos votos.

Lebramos aos nossos estimados leitores que em Janeiro paga-se a 2.ª prestação (3.ª quando se requereu pagamento em quatro prestações) das contribuições predial e imposto sobre a applicação de capitais; Industrial dos grupos A, B, C. Imposto profissional dos empregados por conta da outrem, profissões liberais e imposto complementar.

Também lebramos que este mes é o melhor para se proceder ao corte de madeiras destinadas ás construções e mobilario.

Lebramos ainda que é preciso o maximo cuidado com os vinhos novos. Os que ainda não forma convem libertarlos da perigosa companhia das borras transfirgando os para vasilhas sãs, bem desinfectadas e sulfuradas, que devam ficar completamente atestadas e bostocadas.

Por hoje, nada mais. No próximo numero, se Deus quiser, cá estaremos para fiar mais umas larachas.

Gave, 8

De França — Vindo da França, onde se encontrava há dezoito annos, está entre nós o sr. Amadeu da Cunha Barreiros.

Vindo da mesma terra, também se encontra entre nós o sr. António Luiz da Cunha Barreiros.

Ambos os nossos conterrâneos desejamos que tivessem boa viagem.

Do Porto — Também se encontra, no seio da sua querida familia, o nosso bom amigo Justino Domingues, em gozo de licença militar, concedida para convalescência duma operação no estômago, a que há tempos foi submetido.

Desejamos, em breve, vê-lo forte e robusto como dantes.

O tempo — A chuva, ultimamente, tem sido abundantissima. Não é de estranhar porque o Inverno está à porta. O vento, que se fez sentir no principio do semana causou, por cá, alguns prejuizos nos pinhais. O frio também já veio. Não é de admirar, porque já é costume vir tocos os annos nesta occasião.

Minas — Consta nos que, brevemente, a Companhia Mineira de Santo António L.da de Lisboa vai principiar os trabalhos no local denominado Lameiras da Cabecinha, nas proximidades da Aveleira.

Natal — Estamos em vésperas do Natal, em vésperas daquela sempre fria noite de 24 de Dezembro, em que à lareira, em volta do brasero, se reúne toda a familia que perto ou longe moureja para ganhar o pão de cada dia e alguma coisa para o porvir, para saborearem a abundante e melhorada ceia da Consoada, no mais íntimo convívio familiar; em vésperas daquella dia 25, em que se comemora universalmente o Nascimento do Menino Jesus em Belém; em vésperas do dia de Ano Velho, em que finda este ano de 1948; e finalmente, em vésperas do dia de Ano Novo. Com este dia, principia o novo ano de 1948.

O autor destas paupérrimas linhas deseja a todos quantos trabalham pelo engrandecimento de «A Voz de Melgaço» da nossa querida terra, «Muito Boas festas do Natal e um feliz e próspero Ano Novo» — C.

Rouças, 23

Foi ontem enterrado, no cemitério desta freguesia, o sr. Francisco Fernandes, da Bira, cujo funeral foi muito concorrido.

Também foi ontem baptizada uma filhinha do sr. Adriano Soares, de Zoviô, a quem foi posto o nome de Piedade. Foi padrinho o nosso estimado assinante, sr. Manuel José Rodrigues, que reside na Adavelha, freguesia de Fiães.

Chegaram a esta freguesia os seminaristas e o sr. José Lourenço de Cavaleiros, distinto aluno do 5.º ano do Liceu.

Também chegaram vários recrutas e alguns rapazes que andavam a trabalhar lá por fora.

Foi para a Póvoa de Varzim a sr.ª Professora desta freguesia, em gozo de bem merecidas férias.

Chegou, há dias, de França, o nosso amigo e assinante, sr. Justino Lourenço.

Seguem os preparativos para a consoada.

Cousso, 24

Com uma boa concorrencia de fieis realizou-se em nossa igreja a Novena da Imaculada Conceição e do mesmo modo está a correr a Novena do Menino Deus.

Durante este mês contrairam o santo Sacramento do Matrimónio os nossos amigos Luiz Esteves com Sara Alves, Durval A. Esteves com Emília Domingues Lino Gonçalves com Maria de Jesus Domingues e Armando Gonçalves com Maria dos Prazeres Veloso, todos desta freguesia. E a todos desejamos as maiores felicidades.

Dum ataque cerebral no momento em que saia da sua casa para ouvir a missa dominical, faleceu com 72 annos de idade o nosso velho amigo Sr. Manuel José Pires, viuvo, do lugar de Vertelo.

Era um verdadeiro católico e a sua boa alma já deve estar a gosar o premio que Deus dá aos justos.

No dia 21 do corrente foram baptizadas na igreja desta freguesia duas crianças do sexo masculino. — uma com o nome de Eduardo José, filha de António R. Domingues e de Maria do Nascimento Afonso e outra com o nome de José Custódio, filha de Venancio Domingues Machado e de Elvira Rodrigues, todos do lugar de Cousso desta paróquia.

Mães e filhos encontram-se perfeitamente bem.

Parabens.

De Cascais e França tem chegado bartantes filhos desta terra para passarem as festas do Natal no meio dos seus Bem vindos sejam, e que vivam muito tempo com as suas familias na paz do Senhor, são os nossos votos.

(Continua na 3.ª pág.)

Cartas de longe... **Couso, 24**

(Continuação da 2.ª pág.)

(Continuação da 1.ª página)

Imagine uma série de galerias subterrâneas, partindo, em diferentes direcções, de quatro ou cinco minas principais; umas em cima, outras mais abaixo, comunicando entre elas, por chaminés ou torres. Aqui dentro, como num edifício de vários andares, também há escadas a subir e a descer; há poços profundos, em cujo centro o mineiro sua à procura do ouro negro. A luz do gás metro é a única a alumiar e a dirigir os passos desta multidão injente, nas mais diversas profissões, e se nos fosse possível aplicar um aparelho de Raos X à montanha, veríamos um espectáculo bizarro, semelhante a de um campo cheio de pirlampas, em noite escura, movendo-se em todos os sentidos. São marteleiros, perfurando a rocha, avançando sempre, escombradores a limpar o corte, pedreiros, despejadores, etc.

Na peugada, constituindo o que podíamos chamar batalhão de engenharia os estivadores, segurando, fortalecendo o tecto das galerias. A comandar, a dirigir esta multidão, os capatazes. Os técnicos e engenheiros. Os primeiros fiscalizando o serviço, os outros a estudar o terreno, a sondar as entranhas da serra, a examinar o curso do filão. — Vida custosa, ingrata mesmo, sobretudo para o operário, só compensada pelo salário equitativo, modesto embora, que lhe chega para viver. A Companhia não se poupa a esforços, a fim de que ao mineiro não falte o indís pensável. Neste sentido, procedeu-se à montagem de cozinhas económicas, funcionando, já, uma na Barroca, onde o trabalhador poderá obter uma succulenta refeição, a preço módico. Resolveu-se, ultimamente, fazer o pagamento directo do abono de família a todos os beneficiários, com direito, e, por este meio, o operário vê aumentada a sua fêria mensal de mais umas centenas de escudos, em média, por mês. A assistência médica está assegurada por um médico, estando, para breve, o ingresso de outro, por seis enfermeiros, a prestar serviço em dois Postos de Socorro e num Hospital. Não se esqueceu, igualmente, a parte religiosa. Assim, todo o habitante das Minas sabe que tem um padre, à sua disposição, para atendê-lo, sempre que o reclame; que, aos domingos, há missa nas 3 Secções; que, para assistir a todos os actos do culto, existe uma ampla capela na Panaqueira e outra, na

Barroca, concluída há pouco, esperando se que, brevemente, seja benzida pelo Sr. D. Domingos, Bispo Coadjutor, numa visita oficial, que fará às Minas.

Enfim, o ponto de vista é este: Se ao mineiro interessa que as minas laborem, com intensidade, para ganhar o seu pão, à Empresa interessa, também, que o operário não saia, porque dele depende o seu progresso.

E devemos confessar que se tem cumprido, de acordo com este pensamento, embora devendo a Companhia um pouco mais de generosidade, porque é a que mais pode. Quantos operários estão vivendo do salário, que lhes paga, mais por humanidade, que por justiça! Mas ela sabe que uns são filhos de operários antigos e que outros, enquanto jovens e fortes, gastaram as suas energias dentro das Galerias, e, por isso, mantem os a seu serviço.

Augusto Domingues

Loduvina Martins
Dentista

Consultas em Monção todas as Sextas e Sábados.

INFANCIA

Saudades!!!
Navegar mais não posso!...
... não posso!

Agora, quantas vezes penso
nesse passado sonho imenso...
que era um colosso...

... Ficou-se!

De certo, não vem mais...
Quando era pequenino, no seu regaço,
olhava alegremente o áureo espaço,
que a minha vista ao longe podia alcançar.
Alegria!
Tam cedo me deixou a meditar!
Sim! a meditar...

— Diz-me que real te fiz,
nesses tempos de outrora
em que te sorrias p'ra mim!
Eu não me lembro!
... Diante de ti vim!!
Oh! deixou-me tudo
num pensar agudo!!
... Flores de jardim!!!

Só falta morrer!

Se algum dia vieres
(esperanças perdidas!)
traz aquela alegria
nessas velas erguidas!

12-12 48

Jose Gigante

Do Alto do Pernidelo

No 1.º aniversário do falecimento do Rev.º Arcipreste Manuel Bento Gomes

Já lá vai um ano...

Quando soube a infausta notícia, na manhã daquele dia 26 de Dezembro, não pude conter duas lágrimas de saudade que furtivamente me deslizavam pelas faces.

É que eu tinha conhecido o Rev.º Arcipreste de Melgaço e Abade de Rouças e sou testemunha da sua bondade.

Permitam os estimados leitores que eu recorde como vim ao conhecimento do Rev.º Manuel Bento Gomes.

Foi nos primeiros dias de Outubro de 1939.

Havia pouco mais de um mês que tinha desflagrado a guerra na Europa. Alemães e Russos assinavam um tratado para repartir entre si o bolo da Polónia.

Regressava eu de Tancos onde prestava serviço militar na Escola Prática de Engenharia. O meu amigo António de Sousa, aquartelado, como eu, naquele estabelecimento militar, encarregou-me de trazer uma oferta para o seu velho abade.

Para me desempenhar deste recado dirigi-me a Rouças, paro o que meti a cortamato pelo pinhal da Boavista.

Aqueles carreirinhos recordavam-me os saudosos tempos da infância com todas as diabruras próprias da idade. Era por ali o meu caminho da Escola.

Chegado à Igreja, avistei o velho abade sentado à sombra de frondosa árvore que ali à beira, tinha já visto entrar e sair muitas abades desta antiga Igreja Paroquial.

Estava pensativo...
Em que meditava?
Não sei.

Talvez recapitulasse a actividade exercida durante os seus longos cinquenta anos de missão ao serviço da Igreja. Ali, na sua Igreja, quantas criancinhas tinha baptizado, quantos casamentos tinha abençoado, a quantos fregueses tinha ministrado os ensinamentos do Evangelho, a quantos tinha dispensado as últimas bênçãos da Igreja antes de baixarem à campa fria do cemitério!...

Talvez pensasse nas contas que daria a Deus de tudo isso?!

* * *

Petcebendo que me dirigia a ele, levantou-se e veio a meu encontro estendendo-me a mão com a maior franqueza.

Dei conta do recado que ali me levava.

Pedi que me sentasse ao seu lado para conversar um pouco.

Eu não tinha com ele conhecimento, mas fiquei captivo do seu fino trato.

Falamos muito nessa tarde, sobretudo acerca da situação internacional, que então era o prato do dia.

A certa altura sai-se com esta:

— Sabe? Estou muito de-

olhos satisfeitos brotavam a jorros.

Esquecem-se de tudo quanto ali os rodeava... Rezavam, adoravam e choravam!

Satisfeitos com as suas próprias consciências, levantam-se, despedem-se de José e Maria para voltarem às terras donde eram oriundos, por Jerusalém, consoante prometeram. Mas o Céu nunca abandona os que O servem!... Em sonhos um anjo do Céu lhes diz:

— Ide embora sem voltardes por Jerusalém, porque Herodes, malvado, furioso como um leão, quer matar o Menino. De facto, Herodes assim queria proceder.

Cumprindo as palavras do anjo mensageiro, os três Reis Magos do Oriente puseram-se a caminho da sua terra; mas Herodes mais tarde, veio a sabê-lo.

Como ficaria!?

Se fosse agora?...

É neste dia que a Santa Igreja comemora a adoração desses três Reis Santos que ao mundo inteiro, em todos os tempos, haviam de dar um grande exemplo de humildade que os ricos e os pobres devem ter na sua vida, ligeiro sopro que mal percurte nos ares...

Melgaço, 10-12 1948.

L. B.

(Continua na 4.ª pág.)

Os Reis Magos

(Continuação da 1.ª página)

nino recém-nado e oferecendo-lhe os grandiosos tesouros que puderam arranjar. Acariciam Jesus com as barbas nevadas, aquecem-no com o bafo de suas lágrimas comoventes que de seus

olhos satisfeitos brotavam a jorros.

Esquecem-se de tudo quanto ali os rodeava... Rezavam, adoravam e choravam!

Satisfeitos com as suas próprias consciências, levantam-se, despedem-se de José e Maria para voltarem às terras donde eram oriundos, por Jerusalém, consoante prometeram. Mas o Céu nunca abandona os que O servem!... Em sonhos um anjo do Céu lhes diz:

— Ide embora sem voltardes por Jerusalém, porque Herodes, malvado, furioso como um leão, quer matar o Menino. De facto, Herodes assim queria proceder.

Cumprindo as palavras do anjo mensageiro, os três Reis Magos do Oriente puseram-se a caminho da sua terra; mas Herodes mais tarde, veio a sabê-lo.

Como ficaria!?

Se fosse agora?...

É neste dia que a Santa Igreja comemora a adoração desses três Reis Santos que ao mundo inteiro, em todos os tempos, haviam de dar um grande exemplo de humildade que os ricos e os pobres devem ter na sua vida, ligeiro sopro que mal percurte nos ares...

Melgaço, 10-12 1948.

L. B.

(Continua na 4.ª pág.)

Do Alto do PERNIDELO

(Continuação da 3.ª página)

siludido com os alemães, que lhe parece?

— Parece-me que nazistas e comunistas acaba tudo em istas.

— Diz muito bem, atalhou, é tudo o mesmo barro. Deixemos lá essas coisas e vamos até à residência que se faz tarde.

Lá fomos. Encontrava-se já bastante alquebrado. Frequentemente parava, levava as mãos ao peito e suspirava: «ai Jesus, Senhor, meu Deus».

Entrando na residência, tive ocasião de ver como era caritativo e esmolero.

No pouco tempo que ali estive, três mendigos bateram à porta. Nenhum foi de mãos vazias.

Quería o bondoso abade que ficasse lá, que lhe fizesse companhia à ceia. Como não podia ficar, promtillhe de voltar outro dia.

Visitei-o depois várias vezes.

Impossível descrever a franqueza com que sempre me recebia.

Se almoçava, atemava que ficasse para o jantar; se jantava atemava que ficasse para ceiar.

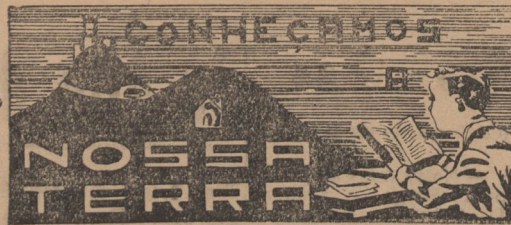
Era franco como poucos o velho e bondoso Abade, que fechou os olhos em 28 de Dezembro de 1947.

Por certo que os seus antigos fregueses o recordam, e por ele rezam ao Senhor.

Paz à sua alma.

26 XII 946

Mário



XXXIV Castro Laboreiro

O FORAL DE D. AFONSO III

D. Afonso III foi o quinto rei de Portugal com a estrutura territorial que ainda conserva, passados sete séculos, à parte pequenas e insignificantes modificações de fronteira.

Depois de cessar as lutas de reconquista e consolidar a independência do antigo território português agora acrescido das terras acabadas de arrancar ao domínio egarenso apelidou-se com ufania *Rei de Portugal e dos Algarves*, título que os nossos reis continuaram a subscrever com merecido orgulho.

Construída uma casa, é preciso tratar de a mobilar e arrumar, por isso D. Afonso III tratou da organização social do seu Estado, procurando o desenvolvimento agrícola e comercial do seu povo.

Deu forais a várias terras e a outras reformou os que já lhes haviam dado os reis seus antecessores.

Aqui no Alto Minho deu foral às vilas de Melgaço, Monção e Valença, e ao antigo concelho de Penha da Rainha que abrangia a maior parte das freguesias do actual concelho de Monção. Estes forais são todos do mesmo modelo.

Deu também foral à antiga vila de Laboreiro, de que vamos hoje ocupar-nos.

O original deste foral deve ter-se extraviado. Mandei procurar na Torre do Tombo e não aparece.

Atribuído a Castro Laboreiro anda citado em vários autores o foral que D. Afonso III concedeu em 15 de Janeiro de 1271 ao lugar de Padrão

que fica na actual freguesia de Sisto do concelho de Arcos de Valdevez.

Já me referi a este documento por duas vezes (artigos XIV de 15 I-1947 e XXV de 14 1948). Transcreverei-lo em na integra no próximo artigo para os leitores apreciarem.

A conclusão provém do título que o encimava «Carta de foro do Monte de Laboreiro que se chama Padrão». Do texto verifica-se que só trata do dito lugar que estava de fecho morto, isto é, desabitado e lá de novo ser povoado.

A Castro Laboreiro apenas se refere mandando pagar à sua Igreja de Santa Maria os dízimos, de resto, pela situação do lugar, comprova nos a extensão de montes que naquele tempo adoptavam a denominação de *Laboreiro*.

Embora eu tenha suposto (artigo XIV já citado) que Castro Laboreiro chegava a Padrão por este lugar ter sido apegado, segundo se dizia em tempos antigos, à sua Igreja, verifiquei pelo estudo de outras fontes que o dito lugar estava na freguesia de S. Salvador de Cabreiro e Julgado de Valdevez. Dentro dessa paróquia havia um reguengo do qual o território era circunscrito pelos limites da actual freguesia de Sisto que ao tempo ainda não existia e se veio a formar no terreno desse reguengo. Por isso o rei D. Afonso III cedeu à Igreja de Castro os dízimos desse lugar que era particularmente seu por fazer parte de um reguengo, que era, como se diria hoje, *património do Estado*.

Franklin cita este foral na «Relação terceira das terras que tem foral antigo e não receberam outros nem na Reforma do Senhor D. Manuel nem posteriormente».

Encontra-se nas palavras *Laboreiro, Monte de Laboreiro e Padrão em Monte de Laboreiro*.

Baptista de Lima, ao falar de Castro Laboreiro em *TERRAS PORTUGUESAS*, identificou este foral de Padrão com o que lhe foi concedido pelo mesmo rei, dizendo que *esta forma vai ficando sem efeito a relação terceira de Franklin...*

Equívocou-se, como tantos outros, por não conhecer a região nem o texto do documento.

Voltemos ao assunto principal deste artigo:

Castro Laboreiro teria, de facto, algum foral de D. Afonso III?

Teve, sim, embora se tenha extraviado o original e não apareça arquivado nos registos da documentação desse tempo. Podemos, até, reconstituir o quase por completo, por se achar compendiado, se não transcrito, no de D. Manuel, que transcreverei em seguida ao da Padrão.

Pelo teor do foral de D. Manuel vê-se que o que Castro Laboreiro havia recebido de D. Afonso não é igual ao de

A Imprensa Regionalista

A imprensa regionalista é a lareira familiar, onde arde o fogo sagrado, de todo o movimento pró-reação-natal.

Há já uma dezena de anos que venho afirmando que a Imprensa da província, fortalece os laços da solidariedade, pelo estímulo de reunir num só pensamento: defender as prerrogativas, os interesses, as aspirações da terra, onde os mesmos corações e as mesmas almas palpitam, e, onde bebem o mesmo ar, onde se ouvem os mesmos sussurros plangentes de água caíndo em fraga em fraga, ou o brandido ciclar da brisa, quando ramalha pelo arvorêdo ou quando canta as suas sinfonias sobre mil pétalas

de rosa, quando nos roseirais, rebenta em seiva fecundante a primavera.

Profundamente amo a Imprensa provinciana pelo bem que ela representa pela luz que derama, pela educação que esparge e pelo ânimo forte que incute.

Nesta imprensa, vejo, gostosamente integrado dos concidadãos, pois ta-voz de todos e para todos.

Este quinzenário tem uma força a animá-lo: o desejo de bem servir a sua terra e contribuir para a prosperidade e o bem estar dos povos da sua Região. E' a canseira de meia dúzia, a luta titânica de dois ou três, travada quizenza a quizenza, é a candeia, sempre acéssa, alumada por um pensamento único: servir a terra em que labuta.

Creio firmemente de deste simpático quinzenário, algum bem ha de advir á sua terra. Para isso é de esperar o apoio de todos os concitaneos, pois que sem a colaboração destes — assinando e colaborando — nada se poderá fazer.

Loagos Vales, Monção.

Alfredo Rodrigues Ribeiro

REGISTO

de pequenas encomendas postais

A comissão delegada para o Comércio Externo decidiu dispensar do Boletim de Registo de importação as encomendas postais de valor até 2.500\$000 presentemente no país ou chegados até 15 de Janeiro próximo.

Exceptuam-se: ouro e prata em obra, bijouterias, relógios, plásticos e borraça em folhas, pérolas e pedras preciosas naturais ou artificiais, tecidos de lã e de seda, artefactos para substituir as fitas e correias dos relógios de pulso e artigos correspondentes e obra da respectiva matéria.

Distribuição de milhares de garfos de uva de mesa

A D. G. dos Serviços Agrícolas do M. da Economia vai distribuir alguns milhares de garfos de uvas de mesa das castas de Alphonse. Lavalé e Revéka devendo os interessados dirigir-se à repartição respectiva, rua Renato Baptista, Lisboa.

Foi talvez com esse foral de D. Afonso III que a antiga vila de Castro Laboreiro atingiu a sua autonomia judicial, pois ao tempo das Inquirições, em 1238, tinha ainda o foral de D. Sancho I, como já vimos, que lhe atribue isenção de encargos fiscaes mas não deixa perceber a existência de juizes locais. O juiz que lá aparece, como já disse, devia ser o de Valadares a cujo julgado pertencia Castro Laboreiro.

Bernardo Pinto

S. Paio, 26

Faleceu, no passado dia 11, o sr. José Luís Gonçalves, dos Lourenços. Apresentamos condolências à família.

— Em 1 do corrente deu à luz um ridente menino, Alexandrina Figueiredo, sendo baptizado com o nome de Manuel.

— No preterito dia 11, cerca do meio dia, envolveram-se em desordem José Joaquim Meleiro, do Paço, e António Figueiredo, do Pombal.

O primeiro deu grande pancada no peito do Figueiredo, tendo este, de pois de se levantar, agredido o Moleiro numa perna. Passadas duas horas compareceram no local o cabo da G.N.R. e uma praça que, usando de alguns meios violentos, sem pre conseguiram prender o Figueiredo que se opunha devido a uma grande «borracheira».

O preso apresentou fiança e encontra-se em liberdade e o ferido está internado num hospital do Porto.

— Desejamos a todos os trabalhadores de «A Voz de Melgaço» Boas Festas e Ano novo repleto de venturas.— C.

A SAMARITANA

DE

Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanificios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercenarias; Vinhos finos e Espumosos

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas— A máxima seriedade nas suas transacções.

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência parquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
A V E N Ç A

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 15 de Janeiro de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 17

NÓS E AS ELEIÇÕES!

por quem votamos Nós?

É grave o momento que atravessamos em Portugal!

São agora chamados às urnas, para a grande batalha eleitoral, todos os portugueses, que vão escolher o Presidente da República.

«A VOZ DE MELGAÇO», é um quinzenário católico e regionalista; não é órgão do Governo, nem de qualquer partido.

A Igreja é perene; os regimes, efémeros.

Não tem subsídios da Câmara nem do Governo e uma coisa é título da sua glória, na modestia do seu viver: — A LIBERDADE E INDEPENDÊNCIA ABSOLUTAS, perante todos os problemas, no melhor sentido de colaboração.

Uma coisa vamos, desde já, salientar, SEM MEDO NEM COMPROMISSOS: — Não corremos atrás do mito de liberdades desenfreadas; nem do número dos votos como expressão da verdade e da melhor solução dos problemas; nem das eleições, como solução verdadeira da vontade popular, no nosso país, bem entendido.

Todos nós sabemos como se tem feito as eleições e como certos electores servem antes os amigos e compadres.

Mas a dura realidade é esta: — vamos ter eleições e todos os partidos e credos tem ocasião de se pronunciar sobre o candidato à Presidência da República.

O Comunismo

Uma coisa há que, desde o princípio, nos desapontou seriamente: — a maneira gentil como o

candidato da Oposição trata o comunismo.

— Nós admitimos que tem de haver uma Oposição séria, honesta, para fiscalizar os actos do Governo e ser o incentivo de mais e melhor trabalho.

Quantos erros se tem cometido, por falta desta Oposição!

Mas, quando o Sr. General Norton de Matos, ANTIGO GRÃO MESTRE DA MAÇONARIA, e antigo ministro e Alto Comissário de Angola, que por vocação é um soldado da Pátria, numa hora em que as grandes democracias, como os Estados Unidos, o Brasil e a Inglaterra e outras ESTÃO A PERSEGUIR O COMUNISMO, porque o reconhecem um partido às ordens do estrangeiro E SERVINDO OS INTERESSES DA RÚSSIA; numa hora, dizemos, em que o Comunismo está a marchar vitoriosamente pelas grandes vastidões da China, talando-a e devorando-a, pondo assim ao seu serviço mais QUASE MEIO BILHÃO DE SERES HUMANOS; quando, insistimos, o Sr. General Norton de Matos vai buscar a mão dos comunistas (o único partido seriamente organizado no nosso país) e o traz com plena liberdade, para o tablado nacional, à luz clara do dia, nós trememos e horrorizamos-nos desde já, DIANTE DAS PERSPECTIVAS DUMA PAVOROSA GUERRA CIVIL.

Que país há no mundo onde este PARTIDO NÃO SEJA UM ARSENAL DE ARMAS e um EXÉRCITO DE GUERRILHEIROS?

Nós lembramo-nos de como foi aquilo em Espa-

nha; no fim da Monarquia: — frades a votarem no regime republicano; depois, à frente da Nação, o «católico» general Alcalá Zamora (estava à maravilha num país conservador), à seguir os cantos à liberdade, O REGIME DAS FRENTE POPULARES com todo o cortejo de assaltos aos haveres e vida humana, vendidos-se carne de homens, ferrozmente abatidos, como se se tratasse de vitela ou de carne de porco e no fim essa vergonha da História de Espanha, ódios sem conta, paixões desenfreadas, guerra civil, COM UM MILHÃO DE MORTOS por terra, etc. etc..

E' isto o que o Sr. General Norton de Matos nos traz!

Nós, sinceramente o afirmamos, não podemos estar com S. Ex.ª, como os monárquicos e muitos republicanos.

É com o Governo?

«A VOZ DE MELGAÇO» traçou logo desde o princípio do seu aparecimento o lema que a havia de nortear: — semanário católico e regionalista, fora portanto de todos os partidos: fora e acima! Muitas vezes, sempre no-lo permitiram, aqui estivemos, num sentido absoluto de colaboração, a louvar os serviços do regime vigente, quando nos mereciam louvores e a censurar, também, sempre que víamos reparos a fazer.

Nesta hora, em que todos os portugueses são convidados a depôr com franqueza e lealdade, também fazemos alguns reparos.

Os Grémios (1)

Nós somos partidários da organização da Lavou-ra! Se quizermos triunfar havemos de nos unir e organizar para a luta.

Sendo a maioria da Nação, somos a classe, mais esquecida! Não tenham dúvidas: — é preciso unir nos para lutar e vencer!

Mas nós reprovamos a organização única, hoje do Estado Novo, como amanhã dos socialistas, depois dos comunistas.

Reprovamos a cota obrigatória, tal como ela vigora até o ponto de se ir penhorar as terras, por falta do seu pagamento.

Nós entendemos assim: — Se há regalias nos Grémios, SUSPENDAM-SE dessas regalias os sócios que não pagam e se é o caso, expulsem-nos; mas vender-lhes as propriedades, como se de contribuições se tratasse, é coisa que não podemos aprovar. LAMENTAMO-LO!

Mas nós perguntamos: — que regalias de peso nos tem trazido os Grémios? — E as que tivemos, não se poderiam obter de outro modo, mais simpático?

— Falamos de milhares de funcionários que os Governos democráticos no seu consulado, nomearam escandalosamente.

Os milhares de funcionários dos Grémios e certas outras actividades corporativas estão em proporção com o seu minúsculo trabalho? Que fazem?

Mas nós temos de ser leais e sinceros: — sabemos de alguns Grémios poucos embora, que tem no seu activo, certas obras de merecimento.

Quanto mais simpáticos

se tornariam sem aqueles aspectos desagradáveis!

Censuramos pois ao regime a má orgânica dos Grémios e o seu MAU FUNCIONAMENTO!

Contra este se levantaram já muitas queixas, Não nos consta que uma fiscalização rigorosa e educação conveniente os levasse na sua grande maioria por melhor cominho.

(1) Falamos dos Grémios em geral, e não do nosso de Melgaço, cujo Presidente, como Cidadão, Professor e Presidente nos merece muita consideração. Na grande campanha dos milhos, foi o único que nos acompanhou no Distrito. Na campanha das videiras também o vimos conosco.

A Floresta

A maneira como estão a correr, pelos nossos montes, os serviços das Florestas, de há muito que nos desagrada.

São as florestas uma futura grande riqueza para a Nação! Sabemo-lo! Mas somos nós a geração dos grandes sacrificados!

Nós entendemos que tudo se poderia fazer: — arborizar os montes e garantir simultaneamente as antigas e belas liberdades do povo das montanhas, tão trabalhador e sacrificado.

Desde o momento que seriamente nos garantam, além do mais, a pastagem dos montes, em futuro próximo, para os nossos gados; desde que nos garantam abundância de lenha barata, numa região como a nossa dela tão carecida; desde

(Continua na 3.ª pag.)

O medo do comunismo

O comunismo já não é dentro da Rússia o que foi no tempo da propagação. Então era apenas idealismo, hoje é um facto.

Todo o ideal, quando se transforma em realidade e desce à prática, perde a mística, a sedução, o encantamento, porque principiam a aparecer os defeitos, as imperfeições, que o veu da fantasia não deixava ver. É assim que se explica o numero sempre crescente dos descontentes, dos decepcionados e que esse regime só possa manter-se pela força de uma ditadura feroz e esmagadora.

Não sucede assim nas outras nações. Fora da Rússia os prosélitos do comunismo estão ainda na fase ilusionista do ideal, num sonho vago dum misticismo, que veste até o mal de roupagens lindas e sedutoras. O comunismo deve ser considerado de duas maneiras — a parte económica e a parte doutrinária.

Visto na parte económica—tudo para todos, em vez de tudo para alguns, menos ricos e menos pobres, não é absolutamente condenável, pode defender-se o que o torna execrável é a sua feição doutrinária — o ateísmo o materialismo, a supressão de todos os valores espirituais, o aviltamento do homem por uma baixa e torpe animalidade. Tendo observado que os grandes capitalistas somente encaram e combatem o comunismo pelo lado económico, sem uma referência, um protesto, à parte doutrinária. Neste ponto um absoluto desinteresse, um mutismo glacial. Esta atitude faz-me crer que, se lhe garantissem a integridade das suas carteiras, o comunismo seria para eles uma coisa indiferente, ou até boa. De facto a sede insatisfeita de grandes lucros, a ostentação provocadora dum luxo exagerado, a paixão sádica pelos prazeres sensuais, tudo isto é uma confirmação de que os potentados do dinheiro apenas tem da vida um sentido pagão e materialista. São eles os melhores agentes de Staline. Destes homens assim amolados pelos vícios, sero fé, sem energias espirituais, nada há a esperar. Estou a vê-los no dia do grande encontro, na luta final, tímidos, cobardes, agarrados, trémulos de pavor, como o avarento dos sinos de Carnosile, aos seus cofres, que são os seus ídolos, os seus deuses.

Não se pode pôr em dúvida de que existem no mundo grandes injustiças sociais. A própria Igreja o tem reconhecido, condenando com toda a clareza e sem disfarces, em notáveis encíclicas as miserias imerecidas. Estas odiosas desigualdades e o fundo de humanidade que o comunismo encerra pelos menos em teoria.—o combate contra a exploração económica do homem pelo seu semelhante, continua doutrina que é uma cópia do cristianismo—tudo isto tem dado ao comunismo uma expansão universal. Não há razão nenhuma no mundo, onde não tenha entrado esta ideologia. Apesar de tudo não haja medo.

Mais vezes tem passado pelo mundo estes tufoes de impiedade e a fé sustem-se imperterrita e alastra fecunda e vitoriosa.

A organização soviética é formidável, mas os soldados do bom combate não estão inactivos.

Há pelo mundo fóra legiões de almas generosas e heróicas, que se não deixam escravizar pelo dinheiro e pelos vícios e que consagram à vida do espirito, a grandeza da sua fé, o respeito sagrado e o entusiasmo mais ardente da sua vida.

São eles que penetram com nobre coragem nos próprios sectores do comunismo para esclarecerem e iluminarem os nossos irmãos transviados e porem deante dos seus olhos em todo o brilho da sua belesa imaculada a verdade cristã, para eles desfigurada por uma falsa propaganda.

Já começam a aparecer frutos sasonados e abundantes. As conversões sucedem-se. A vaga moscovita está a afrouxar a sua impetuoridade. No mar embravecido está a fazer-se a bonança, aquela magna tranquilidade de que fala o Evangelho.

A própria Rússia não é o que se diz.

O Estado é ateu, mas o povo é religioso. Já se deu em Portugal nos nossos dias um facto identico. Houve também aqui um ministro que prometeu arrogantemente acabar a religião católica em duas gerações e o povo reagiu contra todas as perseguições, contra todas as campanhas de demolição religiosa, e até rebustecendo a sua fé.

Lamas do Douro, 6

No dia 29 do mês de Dezembro, deu à luz um elegante menino a sr.^a Izaura de Sousa, esposa do nosso amigo e visinho, sr. Diamantino de Oliveira, empregado dos Serviços Florestais.

No dia 11 do mesmo mês veio-nos surpreender uma grande tromba de água, que caiu nesta localidade e inundou quase todas as Veigas de Lamas, causando bastantes prejuizos aos Serviços Florestais.

O temporal foi tam desabrido que o barracão do sr. Teixeira, aonde se faz a escolha e armazenam as batatas, teria sido tombado pelos tufões do vento, se não fosse, imediatamente, escorado, evitando se assim bastante prejuizo.

Na noite do dia 1 para o dia 2 caiu uma grossa camada de neve, cobrindo com o seu manto alvejante todas as serras, e até as casas pareciam mais bem caídas do que as das cidades. Logo veio a chuva que fez desaparecer toda a brancura.

Regressaram de França, para onde tinham ido ganhar meio de subsistência, alguns homens desta freguesia afim de passarem as festas do Natal e Ano Novo, junto de suas queridas famílias.

Bem hajam.
Está a chegar o tempo de dar caça aos lobos, e o célebre caçador, Calçada está desejando que sejam autorizadas as batidas para principiar a abater neles como de costume.
Sem outro assunto desejamos aos leitores um Novo Ano muito feliz.—C.

Loduvina Martins Dentista

Consultas em Monção todas as Sextas e Sábados.

A fé cristã tem as suas raízes em Deus.

É eterna. É uma força espiritual que os homens não podem aniquilar. No entanto, é preciso que todos trabalhem. Os grandes capitalistas não podem ficar de fora. Devem também entrar nesta luta salvadora, quando mais não seja ao menos com uma vida mais conforme com a caridade, a justiça e a moral cristã.

Artur de Almeida

Rouças, 9

Já passaram as nossas festas do Natal e Ano Novo...

A Família do falecido Sr. Arcipreste e abade desta freguesia, entregou ao nosso rev. pároco 5.000\$00 para obras na nossa igreja.

No dia 5 nasceu no lugar da Pombeira mais um filhinho ao nosso bom amigo sr. João Vaz.

A quinta, que era do falecido sr. Arcipreste, foi comprada pelo nosso amigo, sr. Prof. Manuel Vaz.

Tem caído alguns nevões e o frio é intenso.

No dia 6, foi daqui muita gente ao teatro na vila, em benefício de obras católicas do concelho.

Está fechado o contrato para a aquisição dum relógio da torre, que se inaugurará em Março próximo. É feito por uma casa de Lisboa.

Encontra-se doente, e tido no leito, o nosso bom amigo e Presidente da Junta, sr. António Fernandes, que felizmente vai melhor.
Parece que se vai ensaia um drama para se apresentar no salão paroquial da Residência, em benefício de obras da freguesia.

Foi também muito concorrida a hora santa, ontem realizada.

A escola femin na comença amanhã a funcionar na Casa da Cavada.

Foram nomeadas as duas Comissões das festas de S. ta Marinha e Senhor.—C.

Chaviães, 9

Depois de alguns dias de repouso junto de suas famílias regressaram aos seus postos vários rapazes desta terra que estão a servir o nosso exército e marinha.

Causou grande consternação entre os numerosos amigos a enfermidade que reteve preso ao leito o sr. José Aires, proprietário desta freguesia e condutor da camionete do correio Felizmente que já se encontra quase restabelecido.

A J. A. C. F., a cujos destinos preside a menina Alexandrina que foi correspondente da «Voz de Melgaço» — (e porque não há de continuar a sê-lo?) — ofereceu bom numero de peças de roupas aos pobrezinhos mais necessitados desta terra. Bem hajam essas briosas raparigas pelo acto praticado e oxalá os mais remediados e abastados lhe sigam o exemplo.

No dia dois do corrente, o rev.mo Sr. Arcipreste—P.e Carlos Vaz—fez, com toda a solenidade, a composição de emblemas

aos rapazes da JAC desta freguesia, tendo feito previamente: uma alocação brilhante, alusiva ao acto, subindo em seguida ao púlpito e dissertando sobre as lições do presépio de Belém.

No ano findo houve nesta freguesia 28 nascimentos, 7 casamentos e 9 óbitos.

Já várias vezes foi chamada a atenção das autoridades locais e concelhias para o lamentável estado em que se encontram os caminhos da freguesia. No entanto tudo como dantes o quartel geral em Abrantes. Mais uma vez lembramos a quem de direito as necessidades da freguesia de Chaviães. Os seus habitantes são portugueses e têm direito de serem considerados como cidadãos.

Até hoje têm sido ludi- briados com projectos, que alguém, nas colunas deste jornal, infelizmente, disse serem necessários para o contrabando ser feito em automóveis conforme as exigências dos tempos modernos. Nada de realizações. Não está bem...

S. Paio 12

No passado dia 2, caiu sobre esta freguesia a primeira nevada.

Brevemente realizam o seu enlace matrimonial o sr. Eduardo Domingos, de Requeijo, e a menina Maria Teresa Vieites, das Cabenas.

Com 78 anos de idade, faleceu, em 5 do corrente, na sua casa da Carpinteira, o sr. António Caetano Gomes. O extinto, que há cerca dum ano se encontrava retido no leito, era uma alma apaixonada pelo trabalho agrícola que sempre cultivou até ao último alento. O funeral, realizado em 7, foi muito concorrido. Apresentamos condolências às famílias enlutadas.—C.

Anunciar,
Assinar
e propagar

«A Voz de Melgaço»

é um dever de todo o bom melgacense!

Nós e as eleições!

A VOZ DE MELGAÇO

em LISBOA

(Continuação da 1.ª pág.)

que nos garantam o corte dos matos numa terra que é preciso forçar a dar grandes rendimentos, deitando-lhe estrumes, o resto far-se-ia com relativa facilidade. Como?

— Nós perguntaríamos ás Juntas das freguesias, no melhor sentido de colaboração, e também aos «homens bons» da nossa terra. **QUAL A REGIÃO DO MONTE** por onde começar de maneira que se fizesse o menor mal possível. Depois iríamos lentamente por ele fora, sempre de acordo, quanto possível, com as mesmas autoridades e povo.

Segundo: — sendo costume antiquíssimo naquelas regiões, andarem pelos montes livremente os gados, a «rers», nós garantiríamos essas liberdades ao povo. Não seria ele que estaria obrigado a guardar o seu gado.

Os serviços do Estado é que guardariam essas zonas de cultivo, quer com sebes quer com guardas.

Eram sem dúvida serviços mais caros, mas num «governo pessoa de bem», **DESTA MANEIRA SE SALVARIAM AS LIBERDADES DO POVO.**

Terceiro — Nós deixariamos crescer mais essas árvores nos viveiros, antes da sua transplantação.

Assim pequeninas, por terras tão bravas quando é que ali poderão voltar a apascentar-se os gados?

E não obrigamos os lavradores dos montes a venderem um pouco apressadamente e em seu prejuizo grave, quantidades de res e gado!

Não queremos pôr aqui a questão, que outros insistem em ventilar: — se todas aquelas plantas se darão por ali.

Pena foi que **NÃO SE TIVESSE FEITO UMA REUNIÃO ORDEIRA**, mas franca, sincera, em que a gente do monte, pelos seus naturais representantes viesse a Quem de direito **MANIFESTAR AS SUAS RAZÕES** e conseguir que até lá fôsem as Autoridades concelhias indagar a razão das mesmas e depois levar aos Senhores Engenheiros das Florestas, que sabem ser dignos e atenciosos, estas reclamações.

Certamente que tudo se resolveria, temos disso a certeza.

ASSIM, FORAM MUITOS OS PREJUIZOS!

Gave e Castro Laboreiro!

A Freguesia da Gave,

não sabemos se também a de Parada, teve de aguentar outro grave corte nas suas liberdades tão antigas.

Perdeu alguns hectares de terreno, bom, óptimo, para pastagens, lá nos confins deste concelho e limites da Gaviera, que foram, salvo erro, pelos respectivos serviços do Ministério da Economia, entregues a um Sr. Industrial, para cultivo da batata.

Perdeu aqueles terrenos e teve de começar a guardar cuidadosamente, por ali, os seus gados. Cremos mesmo que chegou a haver algumas multas.

Não discutimos neste momento se não seria preferível convidar a gente da Gave, numa época em que pelo mundo se ensaiam processos vários de nacionalização, se não seria preferível convidar a gente da Gave a dar o seu capital-trabalho e torná-lo sócio dessa empresa...

Pode esta tese causar sorriso... mas parece-nos que a riqueza daquela terra, que os naturais fruim livremente, desde há tanto tempo, era mais bem distribuída regional e nacionalmente. Mas não discutamos agora isso.

Foi pena também que se não obrigasse o Sr. Industrial a guardar com sebes ou com empregados, aquela área e ficar o povo na sua liberdade antiga.

Achavamos mais humano.

— Consta-nos também que em Castro se procede aos trabalhos preliminares, para construção dum grande represa, criando-se um lago de vastas proporções.

Ocorre-nos perguntar: — estão já acatellados os direitos do povo de Castro Laboreiro?

São lugares e terrenos que vão ficar submersos para sempre! São prejuizos graves que se vão causar. Ficarão os povos lesados com estas obras?

Sabemos que vão sair dali em futuro próximo, a começarem as obras, **MILHÕES DE CONTOS DE REIS.**

Não se poderia distribuir pelos lesados, em proporções justas, essas riquezas?

Mais claramente: — as expropriações compensarão devidamente?

A questão das videiras

É com profunda mágoa que lembramos, neste momento, a questão de Alvaredo.

Custa-nos esquecer que os respectivos Serviços do Governo nos mandassem para os nossos campos algumas praças de guarda republicana, dominando-os, terra por terra, de carabina e metralhadora nas mãos.

É um acto que nos custa a esquecer, porque nos magoou muitíssimo.

Nós temos a convicção de que tudo se podia resolver, sem aquele aspecto bélico!

Para mais, nós ainda não estamos de acordo com essas medidas sobre as videiras americanas.

Não discutimos sobre qual é o melhor vinho, pois todos o sabemos. O que discutimos são os processos usados, que não nos parecem os melhores.

— Ajudem os serviços do ESTADO A VALORIZAR EFICIENTEMENTE OS NOSSOS VINHOS verdes, desde a melhor «semente», o melhor cultivo, ao melhor tratamento; ajudem-nos a conseguir os melhores mercados, porque os há, **VALORIZEM SOBRETUDO OS SEUS INTEREÇOS** e o lavrador se convencerá do melhor caminho.

Podemos escolher a semente de batata que quisermos, de Castro ou holandesa... podemos escolher, para as nossas refeições, arroz nacional ou estrangeiro; podemos escolher a semente de milho que preferirmos; porque não havemos de ter, **PARA CONSUMO PRÓPRIO, AO MENOS**, a qualidade de vinho que quisermos, seja ele verde ou maduro ou americano?

Outros países, como a França e a Suíça, procederam de outra maneira, sobre o plantio e uso das diversas castas.

Temos de fazer justiça à boa intenção do Governo e à sua paciência, mas aquele gesto podia ter-se evitado.

Também aqui não estamos de acordo com os respectivos serviços do Governo.

Passagem da fronteira

Há já muitos anos que as passagens da fronteira estão difficilimas. A de Melgaço, praticamente, está fechada.

(Continua na 4.ª pág.)

CHEGOU O INVERNO — Nesta cidade tem chovido torrencialmente levando ao desperio muitos lares, senão a presença dos Sapadores Bombeiros. Graças a Deus que estes últimos dias não tem chovido.

O frio também nos visitou, estando com pouca vontade de nos deixar. É tempo dele, e não devemos estranhar.

— Tem havido alguns casamentos, chegando também a vez da nossa conterrânea Armandina Pereira, de Paços, com um caixeiro da nossa praça. Ao novo lar desejamos muitas felicidades.

— Foram incorporados na G. N. R. alguns dos nossos melgacenses, entre os quais o nosso conterrâneo e particular amigo José Pereira, de Cristóval, que se encontra em serviço nesta capital.

— Também foi incorporado na P. S. P. de Lisboa o nosso conterrâneo e dedica do assinante de «A Voz de Melgaço», sr. Alcindo N. Vidal, de Cristóval, deixam do bastantes saudades no meio comercial, por ser do tado de excelentes qualidades de carácter, bondoso e cavalheiresco, amigo dos seus chefes e de todos os que com ele conviviam. As novas autoridades os nossos parabens.

— Vindo da Sobreira — Cristóval, para onde tinha partido há alguns dias, em contra-se já entre nós o nosso conterrâneo sr. António Lourenço. Desejamos boas vindas.

— Deu nos a honra da sua visita, o nosso conterrâneo e amigo sr. Adriano Servio, da Cruz — Cristóval que veio a esta cidade em serviço do Ministério da Guerra.

— Para o Brasil, partiu há dias o nosso amigo e conterrâneo sr. José Domingues, de Paços. Que tenha boa viagem são os nossos votos.

— Tem chegado de França muitos melgacenses, constando também que se encontram detidos nas fronteiras alguns dos que regressavam à sua Pátria.

Oxalá que sejam postos em liberdade.

— Está aberto concurso para admissão de pessoal no B. S. B., tendo concorrido para o mesmo, alguns dos nossos melgacenses. Oxalá que todos fiquem bem.

— Encontra-se internado no Hospital Curry Cabral desta cidade o nosso patriota José da Silva, de Riba d'Ançora. Desejamos rápidas melhoras.

— Após grande sofrimento

faleceram no Hospital acima indicado, os srs. António D. Costa, de Adães, e José Magalhães, de Merufe. Os funerais dos desventurados que contavam, respectivamente, 23 e 26 anos, foram muito concorridos. Paz às suas almas.—G. A. C.

Agradecimento

A todos os amigos que nos honraram com a sua presença nas sessões de cinema, no passado dia 6, em benefício das obras católicas do concelho, e em especial ao querido amigo, Sr. Hilário José Gonçalves que nos cedeu a Casa gratuitamente, vem a Comissão Organizadora, agradecer a inesquecível gentileza.

Infelizmente, o ter constado nas freguesias a Casa já tinha esgotado todos os lugares e a festa de Paderne causaram alguns prejuizos.

No entanto foi grande o auxílio prestado.

A todos, muito agradece a

A COMISSÃO

Parada do Monte, 27

Depois de uma grande estiagem caíram as primeiras chuvas que muito vieram beneficiar os campos que se encontravam ressequidos, devido à grande estiagem. No dia 7 e 11 choveu torrencialmente, crescendo os rios e regatos, a ponto de causar alguns estragos nos campos.

— De visita a sua família veio de Cascais o sr. José Afonso e um irmão seminarista em Braga, ambos filhos do sr. Justino Afonso, do lugar da Lagarteira.

— No dia 15 deu à luz uma menina a sr.ª Deolinda Pires, esposa do sr. Justino Domingues, do lugar do Cotosanto.

— Também deu há luz no dia 25 um menino a sr.ª Piedade Rodrigues esposa do sr. Manuel Esteves, do lugar da Trigueira. Mães e filhos encontram-se bem.—C.

Nós e as eleições!

por quem votamos nós?

(Continuação da 4.ª pág.)

E nós temos com isso prejuízos incalculáveis.

São as nações verdadeiras sociedades e todos temos de viver, em paz, precisando do intercâmbio cultural, recreativo, comercial e de amizade...

Ainda se se tratasse de dois países em guerra ou com ideologias muito diferentes, subversivas por ex., ou de guerra civil, compreenderíamos estes rigores; mas, tão pesados e tão longos e, ao que nos parece, tão sem razão... impossível.

Não será este regime mais prejudicial às pessoas honestas e de bem? — Os bandoleiros, os agentes subversivos, esses, se quiserem, tem muito por onde passar e muito em paz.

Mas se não chega um agente, ponham mais; se não podem passar todos os que quiserem, ao menos, EXCLUAM SE SÓ OS perigosos ou duvidosamente sérios.

Todos os subditos de Espanha ou Portugal serão perigosos? Não poderia haver entendimento entre as duas polícias, de governos bastante semelhantes, e por meio de documento simples e barato franquear mais livremente a fronteira? — E quanto tempo vivemos neste rigor?

Assim como estamos e há TANTO TEMPO É QUE NÃO PODEMOS CONTINUAR!

Também nós não temos simpatia pela Polícia de Estado.

E para não nos alongarmos mais, deixemos aqueles casos de triste memória das Intendências, do rigor sobre os milhos, durante e já depois da guerra e também o caso da emigração do melgacense, CLANDESTINAMENTE para as terras do estrangeiro.

A Lavoura

Chegamos finalmente ao ponto culminante dos nossos reparos aos serviços do Governo. Consideramos grande, admirável, a obra do Estado Novo. Queiramos ou não, ela passa à HISTÓRIA. Depois de D. João V e do Marquês de Pombal, não conhecemos período de maior reconstrução.

Não sabemos se haverá país no mundo, que, com

tão poucas posses, tanto fizesse!

A obra do Ministério das Obras Públicas, onde se pressente ainda a figura gigantesca do grande ministro, Eng. Duarte Pacheco, é simplesmente colossal.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros tem uma grande obra: — passamos a guerra QUE ENVOLVEU QUASE TODO O MUNDO, são e incolúmes.

Com o Sr. General Norton de Matos tivemos de entrar na guerra, derramar o nosso sangue, contra a vontade da Inglaterra, nossa aliada!

Ainda recentemente o resgate do porto Beira e Caminho de Ferro, em Moçambique, foi uma grande obra de patriotismo e Administração.

O Ministério da Marinha, dentro das suas possibilidades, fez também muito, quer em vasos de guerra, que praticamente quase não tínhamos, quer na marinha mercante.

O Ministro das Corporações tem sido felicíssimo!

Bem entendido, que ainda não vamos longe, mas quanto caminho já se andou num país, em que pouco se tinha avançado...

Já hoje temos por aqui operários que recebem o seu subsídio familiar, temos colónias de férias, reformas, férias pagas, salários mínimos, contratos de trabalho, tribunais de trabalho etc., etc.

O Ministério da Guerra ARMOU O EXERCITO QUE TEM DE SERVIR O Império.

O Ministério do Interior pacificou uma Terra que era conhecida pelo PAÍS DAS BOMBAS. Ao mesmo tempo, a Assistência tem já uma obra grandiosa.

Há aqui em Melgaço doentes que estão já a receber, destes serviços, subsídios mensais, que vão de 60\$00 a 150\$00.

Foi agora reforçada a sua verba com 18.000 contos. Maior obra fará. Emfim, há ministérios com um trabalho formosíssimo.

Mas há um Ministério, que para nós, os lavradores do Norte, tem sido quase uma nulidade.

Antigamente, era ainda peor. E certo. Mas o grande facto é que neste Ministério pouco se tem fei-

to para o muito que há a realizar.

Ao fim de vinte e poucos anos vimos as décimas agravadas e até aumentadas, com a contribuição dos Grémios.

E poucos benefícios colhemos.

Os grandes problemas da Lavoura, em boa parte, continuam intactos: — valorização dos preços dos géneros agrícolas, o dos vinhos, das carnes, dos gados, etc. E em questões de assistência... mal. Quando se nos falará, também a nós, de regalias, aumento de nível de vida, dos problemas de invalidez, reforma, doença, incapacidade operacionais, etc., etc.

Ao fim de vinte e poucos anos reconhecemos que pouco se tem feito.

E é penal. No discurso tão formoso de Sua Ex.ª o Sr. Presidente do Conselho há dias no Porto a Lavoura não encontrou ainda aquele rasgo que se esperava. Mas a oposição traz o comunismo, que nos RUBA AS NOSSAS TERRAS.

CONCLUINDO:

A nossa posição

Já o afirmamos: NÃO PODEMOS ESTAR, NEM ESTAMOS ao lado daqueles que tem como mau, tudo quanto fez o Governo do Estado Novo.

Repetimo-lo: — queiramos ou não, a sua obra, porque gigantesca, passa aos domínios da História, como uma grande obra de reconstrução e de paz no nosso país, a quem já chamavam O PAÍS DAS BOMBAS.

E' grande e nela intervieram génios, avultando entre eles, S. Ex.ª o Sr. Dr. Oliveira Salazar. Mas, porque é obra de homens, tem defeitos e graves! E com sinceridade: — TEMOS PENA.

Se uma Oposição séria se situa nas trincheiras dum nacionalismo são, digno, com todas as garantias de paz, liberdade, de progresso, trabalho digno, o discute, frente a frente, com vontade sincera de se resolver, estes problemas que apontamos e ainda outros, de que todos falamos, mas que para aqui não vieram para não tornar demasiado extensa esta exposição, não sabemos mas os partidários do Governo passariam mau bocado.

Assim, diante das perspectivas duma guerra civil, com todo o cortejo de horrores, de vinganças, de ódios, como S. Ex.ª o Sr. General Norton de Matos nos traz (sem o desejar, fazemos-lhe essa justiça) nós temos de sofrer aqueles reparos que fizemos, embora graves, e damos o nosso apoio ao Sr. Marechal Carmona.

Mas temos a franqueza de o dizer alto e com sinceridade: — SE SE TEMÁ EM CONTINUAR COM ESTES ERROS, SE A TEMPO E HORAS SE NÃO VOLTA PARA MELHORES CAMINHOS, RECEAMOS QUE ESTA OBRA GIGANTESCA UM DIA SE IERCA. Mais: — temos a convicção de que um dia se perde.

Entre nós, em Melgaço poucos tem simpatia por Grémios e outras actividades criadas pelo Estado Novo.

Apoiamos pois a candidatura do Sr. Marechal Carmona mas avisamos: — CUIDADO! CAVEANT CONSULES.

E ninguém se espante de tomarmos esta posição, nós que mil vezes desejamos ficar SILENCIOSOS. Foi maduramente pensada e aceitamos, desde já, todas as responsabilidades.

— Se amanhã, com efeito, nós temos de assistir ao roubo de igrejas, ao incêndio de conventos, à perseguição ferros e canibal dos católicos, à Igreja, como, ainda há pouco, se fez ao Cavaleal húngaro, se amanhã temos de ir para as ruas e ali verter o nosso sangue ainda moço, numa horrosa guerra civil, a posição, desde já e sem demoras, tem de ser esta.

Quando se abre a torrente comunista e se lhe dá essa liberdade, precisamos, desde a primeira hora, de ter juízo.

Sim, nós não queremos, passar a ouvir per aí continuamente, por essas ruas e pela imprensa vermelha as frases de costume: Filhos, sim; maridos, não! (Passionária).

«A PROPRIEDADE É UM ROUBO». «PODERÁ A CASO FALAR-SE DE MATRIMÓNIO, QUANDO HOMEM E MULHER NÃO PASSAM DE ANIMAIS?» (Bebel).

«NÓS ARREBATAREMOS DAS MÃOS DOS CAPITALISTAS A PROPRIEDADE. POUCO SE NOS DÁ QUE A ISTO SE CHAMA ROUBO!» (Veruit).

Nós não queremos se repita em terras de Portugal o desenfreamento de Espanha, onde se chegou ao des pudor de os rapazes comunistas irem ao seu club requisitar as filhas de gente séria e honrada, ainda dignas, e sem mácula, PARA COM ELAS passarem as noites, ATIRANDO-AS ASSIM BARBARAMENTE PARA A LAMA. NÃO!

Nós lembramo nos de que foi de tal maneira horrosa a fome de CARNE, DE VICIOS E DE PRAZER, que se chegou ao cúmulo de ir aos conventos violar as pobres freiras, indefesas, algumas das quais tiveram de vir para o nosso país, dar à luz, os seus filhos!

NÃO! É preciso descer-se muito baixo, para se dar liberdade a esta torrente!

NÃO SERÁ POR NÓS OS CATÓLICOS QUE SE ABRIRÃO AS PORTAS AO COMUNISMO, À DESORDEM, À RÚSSIA!

Também ninguém nos pode acusar de organizar mos expedições ou guerra contra eles.

São nossos irmãos. Mas há uma luta, a que não faltamos: a de ideas! E temos um lema: — o amor. GUERRA AO MAL, TODA, PLENA MAS PAZ AOS HOMENS.

NO PROXIMO NÚMERO:

«Tem Melgaço progredido nestes últimos anos?»

ATENÇÃO!

O artigo «NÓS E AS ELEIÇÕES» é da inteira responsabilidade da Direcção do Jornal e não do ilustre compo redactorial e editoral.

— Respeitando absolutamente o sentir de todos os leitores, o Jornal firma a sua posição.